



Arrábida: Santuário de muitas Culturas no Tempo

Arrábida: sanctuary of many cultures in time

Luís Jorge Gonçalves

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes,
Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes da
Universidade de Lisboa, Portugal
email: luisjrg@gmail.com

Resumo - No anterior congresso já houve duas comunicações sobre Santuários da Serra da Arrábida, as festas do Senhor Jesus das Chagas, padroeiro de Sesimbra, e o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Nesta comunicação vai-se abordar a longa duração da Arrábida como espaço sagrado, desde a Pré-História aos dias atuais.

Palavras chave: Arrábida / sagrado / território / Cabo Espichel

Summary - At the previous congress, there were two papers on Sanctuaries of Arrábida, the feasts of Senhor Jesus das Chagas, patron of Sesimbra, and the Nossa Senhora do Cabo Espichel's Sanctuary. In this paper will deal with the long lasting Arrábida, as sacred space, from Prehistory until the present day.

Keywords: Arrábida / sacred / territory / Cabo Espichel

INTRODUÇÃO

A Cordilheira da Arrábida, em Portugal, situa-se a cerca de cerca de 40 km a sul de Lisboa e é um conjunto de serras com cerca de 35 km por 6 km, formada da compressão tectónica africana e europeia, a partir do Jurássico e que teve o seu máximo de expansão no Miocénio Superior (23-7 milhões de anos), sendo encontradas sequências sedimentares, essencialmente, carbonatadas (calcários e dolomitos), margosas e detritos, com idades entre o Jurássico Inferior e o Miocénio Superior (entre os 203 e 7 Milhões de anos) (Caetano 2016).

Na Cordilheira da Arrábida são ainda observáveis vestígios do território anteriores à sua formação e do Oceano Atlântico, através das pegadas de dinossauros, na Pedreira do Avelino, Pedra da Mua e nos Lagosteiros, respetivamente com 150, 145 e 130 milhões de anos.

A Cordilheira da Arrábida tem um alinhamento de Este para Oeste, sendo que a sul está voltada para o Oceano Atlântico. É formada, de Este para Oeste, pela Serra de S. Luís (395 m), Morro de Palmela (260 m), Serra dos Barris (255 m), Serra do Formosinho (499 m), Serra do Risco (380 metros, no Pincaro), Serra da Achada, vale tifónico de Sesimbra e a plataforma do Cabo (entre os 180-130 m de altitude).

A caracterização geológica e geográfica da Cordilheira da Arrábida é importante porque está relacionada com o seu carácter sagrado, em diferentes momentos da ocupação humana.

Orlando Ribeiro, um geógrafo português, escreveu que “A Cadeia da Arrábida é difícil para a ocupação humana, pela natureza agreste dos seus solos.” (Ribeiro 1986). Essa realidade não impediu que o Homem ocupasse a Arrábida, quer como local de habitat e de exploração dos seus recursos naturais, quer como espaço de Santuário, de acordo com as crenças de cada época. Vamos ao longo deste artigo situar-nos na análise temporal da Arrábida como espaço de Santuário, onde necessariamente há houve diferentes visões do mundo espiritual (Fig. 1).

1. SANTUÁRIOS DA PRÉ-HISTÓRIA

Talvez aos mais antigos vestígios da ocupação humana da Arrábida, do ponto de vista espiritual, remontem a um período entre 100 000/70 000 anos (Paleolítico Médio), com a



Fig. 1 - Convento da Arrábida e a imensidão da Serra. (Fonte: própria)

utilização funerária pelo Homem de *Neanderthal*, da Gruta da Figueira Brava, hoje sobre o mar, mas naquele período, de temperaturas mais frias, com uma linha de costa a cerca de 600 metros da atual. Esta gruta no seu interior apresenta formações geológicas em pirâmide, como um altar, e foi na base desta formação geológica que se procederam aos enterramentos.

Noutra gruta, no limite Este da Arrábida foi localizada uma pequena estatueta de figura feminina, na Toca do pai Lopes. Apesar dos contextos arqueológicos não serem muito precisos, a sua descoberta, o que também levanta problemas quanto à sua datação. Podemos ter a certeza de corresponder ao Paleolítico Superior, período ainda muito mal conhecido na Arrábida (Abreu, 2016). A ausência de arte rupestre, em contexto geológico calcário de grutas e abrigos é uma evidência. Não parece configurar que a Arrábida tenha sido espaço de Santuário neste período inicial do *Homo Sapiens* (Gonçalves 2016).

As grutas da Arrábida foram muito utilizadas a partir do Neolítico, como espaços funerários e de atos rituais, que nos escapam. Temos inúmeros povoados, em diferentes pontos da Arrábida de diferentes cronologias do Neolítico, tirando partido das terras com aptidão agrícola. As grutas, como já se referiu, foram utilizadas como espaços funerários, numa época que correspondeu ao Megalitismo, em regiões vizinhas, casos da Serra de Sintra e do Alentejo.

A Gruta da Lapa do Bugio apresenta datações de 4850±45 B.P., pode corresponder à mais antiga prática funerária do Neolítico, onde a par dos vestígios humanos, foram identificadas cerâmicas, artefactos de sílex e objetos de carácter ritual, como Ídolos Placa, Ídolos Almerienses e Ídolos Alcachofra (Serrão 1994; Calado 2009).

Outra gruta, a Lapa do Fumo, é um caso muito estudado e conhecido. Trata-se de uma gruta com uma utilização funerária e ritual em diferentes períodos da pré-história. A cronologia mais

antiga remete para meados do IV milénio, vestígios funerários associados a cerâmica decorada com incisões, formando a “folha de acácia”, e artefactos de sílex.

Outro momento do Neolítico, na Lapa do Fumo, com uma cronologia, possível de 3090±160 a.C. (houve outra cronologia que remetia para 4420±4BP, que levanta dúvidas) é um ritual funerário de segunda tumulação. Ao nível da cultura material foram identificadas cerâmicas não decoradas, artefactos em sílex, colares com contas discoides de calcário e ardósia, pedras polidas, ídolos placas, pequenas esculturas de coelho em osso, uma cobertura de ocre vermelho, o uso de fogo e pedras que formavam um pavimento. Ficou conhecida com a “camada vermelha da Lapa do Fumo” e expressa um ato ritual, numa gruta voltada para o mar, neste caso a Sul.

Outras grutas com tumulações apresentam o mesmo direcionamento sobre o mar, na parte ocidental da Arrábida, caso da Lapa dos Pinheirinhos ou da Lapa 4 de Maio, embora a cronologias não estejam ainda precisas porque nunca houve estudos sistemáticos (Serrão 1994; Calado 2009).

A utilização de grutas para rituais funerários pode ter substituído a construção de monumentos megalíticos, na Arrábida, mas não se deixa de referir a existência de um Menir, hoje retirado do seu contexto, numa região designada de Vale da Palha, bem exposto na paisagem.

No Calcolítico continuou a haver enterramentos em grutas naturais, mas também em grutas artificiais. No primeiro caso, ainda na Gruta da Lapa do Fumo, encontram-se enterramentos correspondendo ao final do Calcolítico, cerca do final do III milénio a.C., com fragmentos de cerâmica campaniforme, placa de arqueiro e artefactos de sílex. No segundo caso, as Grutas Artificiais da Quinta do Anjo, que estão longe da linha de costa. Naturalmente, na pré-história recente, a Arrábida foi espaço de habitat, no que implica de vida e de morte (Serrão 1994; Calado 2009).

Não podemos afirmar se foi um espaço sagrado, no seu conjunto, mas determinadas grutas exerceram um “chamamento” para serem usadas como locais funerários.

Na Idade do Bronze a Arrábida pode ter acolhido uma comunidade bem organizada, com diferentes tipologias de povoados. Temos povoados de altura, bem fortificados, povoados abertos, de grandes dimensões, povoados interiores e povoados sobre o mar. Mas, o mais importante, é que parece ter existido uma rede de espaços sagrados e funerários associados às grutas, dados que muitas grutas, ao longo da costa da Arrábida, apresentam vestígios da Idade do Bronze, nomeadamente cerâmicas de ornatos de brunidos, provavelmente associadas, a atitudes rituais que nos escapam, casos da Lapa do Fumo, da Lapa da Furada, da Lapa do Capitão, da Gruta do Bafo, da Lapa Verde, da Fenda do Portinho. Também a nível funerário um destaque para a Roça do Casal do Meio (Calado 1993; Harrison 2007), monumento de planta circular, onde foram depositados dois homens, com cerâmicas e artefactos variados, onde se destacam um pente em marfim, duas pinças de bronze, uma fíbula, um anel e um fecho de cinturão, não havendo armas. O monumento está datado de final do século X, ou início do século IX a.C., e situava-se no topo de um povoado aberto, do Vale do Risco, com cerca de 100 hectares. Foi um monumento instalado num local de predomínio sobre o povoado. Os defuntos parecem apresentar o “síndrome do cavaleiro”, deformações ósseas que resultam de terem tido, em vida, uma intensa atividade de montar cavalos. Talvez dois chefes que mereceram as honras do seu povo (Calado 2009; Gonçalves 2016).

A Idade do Ferro corresponde à chegada dos primeiros navegadores do mediterrâneo Oriental e Central. Da sua passagem por esta costa, os gregos de Marselha, no século VI a.C. deixaram a mais antiga referência escrita, utilizada numa obra poética romana, do século IV d.C., intitulada “Ora Marítima” e escrita por Avieno. Aí descrevem a Arrábida e a região envolvente:

“Logo se alcança o cabo Cempsicum [Cabo Espichel] (179). Por debaixo se estende, mais longe, a ilha (180) chamada de Achale [Tróia] pelos seus habitantes. Custa a aceitar a narrativa que corre sobre esta ilha por supor

um facto, mas tantos são os testemunhos que bastão para confirmá-lo. Dizem que nas margens desta ilha o abismo marinho nunca apresenta o mesmo aspecto que o resto do mar. De facto por todo o lado as ondas possuem um resplendor semelhante à transparência de um cristal e pela profundidade marmórea do mar, é verdade que as ondas têm reflexo azulado. A mudança na superfície do mar está misturada com uma cor repugnante, segundo recordam os antigos, e sempre se apresentou (190) com turbilhões e turvas de imundícies. Os Cempsi e Sefes dominam as colinas escarpadas das terras de Ophiussae” (Avieno 179-191).

O nível da cultura material foi identificada em 2010, numa gruta, designada de Lapa da Cova, um Santuário de fenícios-púnicos. Há vestígio de práticas rituais, com consumo de vinho, a queima de “incensos” e a deposição de artefactos de adorno, cerca de duas centenas de contas de colar feitas de várias matérias-primas de origem mineral, como a cornalina, o quartzo hialino e a olivina, além de vidro e osso e dois brincos e uma conta esférica em ouro. Foram ainda identificadas cerâmica de torno, correspondendo a ânfora e *pithoi*, cerâmica manual, atribuíveis ao Bronze Final, que também foram detectados fora da cavidade, quer no caminho a partir do mar, quer no acesso poente a partir da Serra da Achada. No entanto, este sítio ainda está em fase de estudo.



Fig. 2 - Placa escrita em Árabe, século X. (Fonte: Rui Francisco)

2. DA ÉPOCA ROMANA AO INÍCIO DO SÉCULO XIII

Os romanos chegam a este território cerca do século II a.C. Não há muitas evidências de que a Arrábida tenha sido um lugar de grande sacralidade durante este período. Para os romanos os promontórios eram espaços onde os deuses pernoitavam e portanto os homens estavam interditos de se aproximar durante a noite. Há referências a essa crença para o Cabo de S. Vicente, no Algarve, mas não para o Cabo Espichel.

As evidências da época romana limitam-se a uma estátua de Neptuno e um templo que pode ter existido no local da atual fortaleza de Santiago do Outão, segundo referências de 1643 e 1645, descritas no Dicionário Geográfico de Luís Cardoso de 1762 (Silva, Soares 1986). Também se menciona um Templo a Apolo num dos lugares isolados, perto do atual convento de Nossa Senhora da Arrábida. Há ainda referência, numa vertente da Serra de S. Luís, a uma edícula romana, incrustada na rocha e rebocada interiormente com *opus signinum* e decorada com motivos geométricos, formandolosangos. A tradição diz que foi nessa edícula que apareceu S. Luís, que foi tomada pelos pastores como seu protetor.

A partir do V-VI d.C., durante a emergência do cristianismo, parecem existir

marcas de monges anacoretas cristãos que deixaram os seus vestígios nas Grutas das Janelas, no Vale das Lapas, através de cerâmicas muito rudimentares. A Arrábida convidava a uma aproximação com Deus, dada a sua proximidade ao mar. Funcionava como lugar de retiro, na semelhança do que acontecia com o deserto no Egipto, com as florestas da Europa e as costas rochosas da Irlanda, com suas pequenas ilhas e penínsulas (Calado 2009).

Do período Islâmico (711-1199), a Arrábida herdou o nome, do árabe *al-râbita*, que significava convento fortificado para guardar a fronteira (Catarino 2000). Surgiram várias visões religiosas dentro do islão e a Arrábida tornou-se um centro de recolhimento, vigilância e defesa do território para “monges” muçulmanos. Em algumas das grutas, sobre o mar, os monges muçulmanos recolhiam-se e vigiavam a costa, caso da Lapa do Jerónimo, onde se identificaram cerâmicas comuns. Também se instalaram escolas islâmicas, madraças, que funcionavam em redor das grutas, no Vale das Lapas, na Azóia, do árabe *az-zaviâ*, que significa ermida. Em 2009, na Lapa 4 de Maio (Fig. 2 e 3), foi descoberta uma placa de madeira de cedro da Arrábida, datada do século X, com o versículo 39 do Corão. Foi igualmente descoberta no Alto da Queimada os vestígios de uma mesquita, mas numa área de maior povoamento da Arrábida.



Fig. 3 - Placa escrita em Árabe, século X. (Fonte: Rui Francisco)

3. O PERÍODO PORTUGUÊS

Em 1147 iniciou-se a conquista da região da Arrábida ao reino taifa de Badajoz, por D. Afonso Henriques (1128-1185), primeiro rei de Portugal. Palmela foi a primeira vila da região a ser conquistada, mas somente em 1165 é que a região de Sesimbra entrou na esfera portuguesa.

A ofensiva Almóada levou à perda desta região até 1200, quando foi reconquistada por D. Sancho I (1185-1211), entrando esta região definitivamente para a esfera portuguesa

O avanço do território português para sul fez com que a Arrábida deixasse de ser terra de fronteira, a partir a partir de 1217, com a conquista de Alcácer do Sal, por D. Afonso II (1211-1223). Iniciou-se em definitivo um período de colonização deste território.

Na vertente sul da Arrábida de solos mais agrestes e de clima mais quente o homem deixou a natureza seguir o seu percurso e viu na paisagem um ponto de encontro com o sagrado.

Na vertente norte utilizou as suas terras para atividades económicas, com um intenso cultivo de vinhas, oliveiras e cereais e do pastoreio, mas também para o lazer, porque a partir do século XV se instalaram palácios de veraneio da nobreza portuguesa.



Fig. 4 - Lapa de Santa Margarida. (Fonte: própria)

O domínio do cristianismo na Arrábida, a partir do século XIII, continuou a tradição da Arrábida como espaço sagrado. Hoje a Arrábida alberga grandes espaços Sagrados: o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel; o culto ao Senhor Jesus das Chagas; a Ermida de Nossa Senhora delCarmen; a Lapa de Santa Margarida (Fig. 4); a capela de S. Luís da Serra; o culto a Nossa Senhora da Arrábida, no Convento da Arrábida (Gonçalves 1997).

Esta densidade de espaços sagrados na Arrábida está relacionada com a geografia, tem origem em lendas e está ainda ligada às atividades económicas dos homens na Arrábida, particularmente a agricultura, o pastoreio e a pesca. Em todas elas há uma relação profissional.

Sobre o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel e o culto ao Senhor Jesus das Chagas, houve comunicações em anterior congresso pelo não os vou aludir em profundidade, mas referir que no caso do Santuário de Nossa Senhora do Cabo (Gonçalves 1997) se tratava de um santuário de devoção para comunidades agrícolas e de pescadores da região. A primeira vem pedir chuva (primeiro fim-de-semana a seguir à Pascoa e dia 15 de Agosto) e a comunidade de pescadores de Sesimbra vem pedir proteção no mar (último fim-de-semana de Setembro). O culto ao Senhor Jesus das Chagas, em Sesimbra, está muito ligado à comunidade dos marítimos. A Ermida de Nossa Senhora de El Carmen (Gonçalves 1997) também é um culto ligado às comunidades agrícolas da Arrábida.

A Lapa de Santa Margarida (Gonçalves 2016), sobre o mar, transporta a lenda de que um barco de pescadores cristãos, perseguido por corsários muçulmanos, conseguiu escapar e a sua tripulação refugiou-sena gruta. Entretanto a embarcação de piratas encalhou e os seus tripulantes foram presos pelos pescadores. Estes ficaram agradecidos a Santa Margarida e todos os anos, na data do acontecimento, realizava-se uma peregrinação. No século XVII, foi mandada construir uma capela para albergar a imagem de nossa Senhora da Salvação, padroeira dos pescadores, bem como a de Santa Margarida, padroeira da ermida, e a de Santo António. Houve



Fig. 5 - Convento da Arrábida. (Fonte: própria)

um ermitão quemorou junto da ermida, sustentado pela casa dos duques de Aveiro, a quem a serra pertencia. Hoje, a capela encontra-se muito vandalizada, mas um novo culto surgiu ligado à comunidade romena de Setúbal, que cuidam da ruína.

A capela de S. Luís da Serra (Gonçalves 1997), tem na origem a lenda de que numa edícula escavada no afloramento rochoso e revestida de *opussigninum*, foi encontrada a imagem de S. Luís, por pastores que logo o fizeram seu protector. Hoje, há uma romaria anual, no domingo seguinte à Páscoa. Sendo uma festa da comunidade de pastores, a capela também é importante para os pescadores de Setúbal, porque a visão da torre da ermida anuncia a chegada dos pescadores ao porto.

O culto a Nossa Senhora da Arrábida (Gonçalves 1997), no Convento da Arrábida (Fig. 5) dos franciscanos, ou frades Capuchinos, ou Arrábidos, remonta a 1215, quando um rico mercador inglês, de nome Haildebrandt, se salvou num naufrágio, trazendo consigo uma imagem de Nossa Senhora. Mandou construir um Mosteiro da Ordem de Santo Agostinho, que se tornou lugar de peregrinação. Em 1539 o Duque de Aveiro convidou Frei Martinho de Santa Maria a fundar um convento franciscano no espaço já existente. Este ficou maravilhado com a paisagem, um prodígio da criação divina, ficando sozinho, mas outros franciscanos se foram juntando. O Duque de Aveiro mandou acrescentar celas à ermida da Senhora da Arrábida. As peregrinações aumentaram, agora também na busca de Frei Martinho de Santa Cruz. A romaria permaneceu até aos nossos dias, mesmo após a extinção das ordens religiosas em 1834. Hoje a romaria continua e realiza-se no primeiro fim-de-semana de Agosto, protagonizado pelos pescadores de Setúbal.

CONCLUSÃO

A Cadeia de Serras da Arrábida pela sua dominância geográfica, na região envolvente, está de acordo com o princípio invocado por Mircea Eliade, a Arrábida como um centro do mundo,



a Montanha Cósmica “a Montanha figura entre as imagens que exprimem a ligação entre o Céu e a Terra” (Eliade s/d: 39).

Infelizmente da pré-história e proto-história não nos chegou nenhum mito. Da época romana também há uma ausência de mitos. Talvez a vontade de amansar Neptuno, dada a grande frequência de barcos que cruzavam estas águas e que tinham de transpor o perigoso Cabo Espichel.

Dos primórdios do cristianismo e do período islâmico não há mitos, mas temos a Arrábida como aproximação ao divino. A partir do século XIII, com a conquista portuguesa, muitas histórias povoaram a Arrábida e levaram à criação de Santuários.

Houve poetas da Arrábida, como Frei Agostinho da Cruz e Sebastião da Gama, entre outros, que envolvidos pela natureza Arrábida deixaram poemas onde transparece a relação do divino, com a força da natureza, pela proximidade entre a Serra e o Mar.

A Arrábida hoje continua a ser Sagrada. A Arrábida é Natureza, Laser, História e Património Cultural, mas sobretudo é um Santuário onde a Natureza e o Homem se procuram conciliar.

Referências

- ABREU, Mila (2016). A ‘vénus’ Paleolítica da Toca do Pai Lopes. In *No Tempo das Grutas - Carta Arqueológica e Espeleológica da Arrábida* (Concelho de Setúbal). Lisboa: 119-122.
- AVIENO (1985). *Orla Marítima* (FERREIRA, José Ribeiro. Introdução, versão do latim e notas), Coimbra. Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CAETANO, Paulo Sá; COSTA, Carlos; ROCHA, Marco; BRISSOS, João; SANCHES, André (2016). A Geologia no Apoio à Investigação Arqueológica - Uma Carta Litológica para o Concelho de Setúbal. In *No Tempo das Grutas - Carta Arqueológica e Espeleológica da Arrábida* (Concelho de Setúbal). Lisboa: 65-82.
- CALADO, Manuel (1993). O monumento da Roça do Casal do Meio. In MEDINA, João; GONÇALVES, Victor (dir.). *História de Portugal*. Lisboa. Ediclube, 1: 353-356.
- CALADO, Manuel; GONÇALVES, Luis Jorge; FRANCISO, Rui; ALVIM, Pedro; ROCHA, Leonor; FERNANDES, Rosário (2009). *O Tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra. Câmara Municipal de Sesimbra.
- CATARINO, Helena (2000). Topónimos Arrábida e a Serra da Arrábida. In *Sesimbra Cultura*. Sesimbra. Câmara Municipal de Sesimbra, 1: 5-17.
- ELIADE, Mircea (s/d). *O Sagrado e o Profano: a essências das religiões*. Lisboa. Livros do Brasil.
- HARRISON, Richard (2007). *A revision of the late Bronze Age: burials from the Roça do CasaldoMeio* (Calhariz), Portugal. In *Beyond Stonehenge: Essays on the Bronze Age in honour of Colin Burgess*. Oxford. OxbowBooks.
- GONÇALVES, Luis Jorge; DUARTE, Ana; BAPTISTA, Fernando António (1997). *Feiras, festas e Romarias da Costa Azul*. Setúbal. Região de Turismo da Costa Azul.
- GONÇALVES, Luis Jorge (2007). *Escultura romana em Portugal. Uma arte no quotidiano*. Mérida.
- GONÇALVES, Luis Jorge; CALADO, Manuel; FRANCISCO, Rui; QUERIDO, Ricardo; SOARES, Ricardo; CÂNDIDO, Maria João (2016). *O Tempo das Grutas - Carta Arqueológica e Espeleológica da Arrábida* (Concelho de Setúbal). Lisboa.
- RIBEIRO, Orlando (1986). *A Arrábida. Esboço Geográfico*. Sesimbra.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1994). *Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra: do Vilafranquiano Médio até 1200 d.C*. Lisboa.
- SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1986). *Arqueologia da Arrábida. Parques Naturais*. Lisboa.